

Missão na Perspectiva dos Missionários Combonianos de hoje

*Uma apresentação à Assembleia Provincial da África do Sul
Ir. Alberto Parise, MCCJ - 15 de Abril de 2021
(combonimission.net)*

A parábola de um modelo missionário num mundo em mudança

"O que estamos a viver não é simplesmente uma época de mudanças, mas uma mudança epocal": com estas palavras, em várias ocasiões (2015, 2019, etc.) o Papa Francisco concluiu a essência do tempo em que estamos a viver. Trata-se de uma mudança de paradigma, envolvendo novos sistemas sociais e uma nova mentalidade, novos horizontes culturais. A dinâmica da **globalização** e da **revolução digital**, no topo do **capitalismo financeiro neoliberal** dominante, estão a moldar o mundo de uma forma radicalmente nova.

A mudança é característica de todas as áreas da vida e da sociedade de hoje. Embora estejam a surgir novas possibilidades e potencialidades para a promoção da vida, actualmente o sistema económico dominante está a conduzir o mundo no sentido da exclusão social e da devastação ambiental, com as alterações climáticas a terem um impacto devastador no planeta. Por exemplo, o relatório Oxfam 2019 mostra como **o fosso entre os ricos e os empobrecidos** continua a aumentar exponencialmente: a riqueza das 26 pessoas mais ricas do mundo atingiu 1,4 triliões de dólares em 2018, o que é a mesma quantidade de riqueza possuída pelos 3,8 mil milhões de pessoas mais pobres do mundo. O relatório explica também que, em muitos países, a educação considerada mínima e os cuidados básicos de saúde tornaram-se um luxo que só os ricos se podem permitir. Todos os dias, dez mil pessoas morrem porque não podem pagar os cuidados necessários para sobreviver. O **desemprego** e o **emprego precário** estão generalizados a nível mundial e as pessoas, em muitos casos, estão mesmo para além do limiar da exploração e da opressão: estas pessoas são excluídas, tornam-se "lixo descartável", entre a indiferença daqueles que são privilegiados. A outra emergência, correlacionada com esta situação socioeconómica, é a **mudança climática**, com graves consequências ambientais, sociais, económicas e políticas. Em suma, o sistema económico dominante - evidentemente colonial na sua dinâmica - é **insustentável**. Temos de compreender que um quadro tão sombrio da realidade não é uma contingência, mas um resultado estrutural do sistema global.

Também de um ponto de vista "religioso", estamos a experimentar mudanças profundas: o **pluralismo religioso** está a tornar-se comum em toda a parte, em muitos casos aumentando tensões, fundamentalismo e lutas de identidade. O **secularismo** está a espalhar-se a um ritmo elevado, levando a duas perspectivas opostas: por um lado, uma visão do mundo que rejeita a ideia de uma realidade espiritual dentro da material; por outro lado, a "espiritualização" da realidade e o desvinculamento da responsabilidade social. Em qualquer dos casos, o valor "sacramental" do mundo é negado, existe uma dicotomia entre sagrado e profano, espiritual e material, que é a essência do secularismo.

Contra o pano de fundo das profundas mudanças que o mundo está a viver, também o serviço missionário enfrenta novos cenários. O modelo tradicional de missão, uma criação do século XIX, baseia-se em pressupostos geográficos e de expansão, onde os missionários são enviados como "corpo de intervenção" especial de países cristãos para baptizar e implantar a igreja em países não cristãos. No que diz respeito aos Institutos Missionários, baseia-se na ideia de "províncias enviadas" (no hemisfério norte) e províncias (no hemisfério sul) que "recebem" missionários; do mesmo modo, os países do sul são vistos como um território para "evangelização" e os do norte para "promoção missionária", para angariar fundos para financiar o serviço missionário e estruturas com donativos de países cristãos ricos.

Todos estes pressupostos estão hoje em dia a ser reprovados no teste da realidade. Em vários países africanos, como o Quênia e a África do Sul, mais de 80% da população define-se como cristã (de várias denominações),

e em países como a RDC, Angola e Ruanda vai muito além dos 90%. Em vez disso, em países tradicionalmente "cristãos" como a França, Bélgica, Alemanha e Reino Unido, essa percentagem cai abaixo dos 70%, e nos Países Baixos mesmo abaixo dos 60%. Ainda mais significativo, os cristãos praticantes são geralmente uma minoria minúscula, no meio de uma sociedade altamente secularizada. Também a geografia das vocações é radicalmente diferente, sendo a maioria dos missionários provenientes das jovens igrejas do Sul. O financiamento do ministério missionário está a tornar-se um desafio cada vez maior, com o desaparecimento de doações de benfeitores do Norte. Isto está a levar as Províncias do Sul a desenvolver actividades de animação e promoção missionária e a iniciar projectos geradores de receitas. Por outro lado, está a emergir uma maior consciência da necessidade urgente de missão na Europa, como também afirmado pelo nosso XVIII Capítulo Geral. De facto, as fronteiras entre evangelização e animação/promoção missionária são cada vez mais confusas e pouco definidas. Tanto assim é que na Europa, por exemplo, já não se fala de animação/promoção missionária, mas de "acção missionária", o que reflecte o facto de a evangelização e a animação/promoção missionária se sobreporem.

O surgimento de um novo paradigma de missão

Em resumo, o modelo missionário tradicional tem dificuldade em se situar na nova época em que estamos a entrar, o que requer um novo paradigma. Esse modelo funcionou muito bem durante um longo período da história, tendo sido um instrumento de graça e, se hoje temos jovens Igrejas vibrantes em todo o mundo, é também por causa dele. Estamos profundamente gratos por tudo isso. No entanto, é inegável que a realidade está a mudar e este modelo está em processo de ser ultrapassado, como argumentou a discussão acima referida. Isto não acontece abruptamente e, como Instituto Missionário, estamos a fazer uma transição em comunhão com a Igreja em direcção a um novo paradigma de missão. A síntese de tal elaboração é dada pelo Papa Francisco na sua Encíclica *Evangelii Gaudium*, o seu documento programático para definir a direcção da Igreja Católica para os anos vindouros.

Começando com um discernimento dos sinais dos tempos, o Papa Francisco apresenta uma leitura teológica da nova época em que entramos, e sugere um novo paradigma de missão. Já não é simplesmente geográfica, mas existencial. A Igreja é chamada a *superar o seu próprio egocentrismo* e a *entrar em saída* para todas as periferias humanas onde as pessoas sofrem a exclusão e experimentam as dificuldades da desigualdade económica e do empobrecimento, da injustiça social e da degradação ambiental. Todas estas situações já não são um aspecto disfuncional do sistema económico, mas o requisito para que o próprio sistema prospere e perdure nos seus próprios termos.

A Missão, portanto, torna-se *um paradigma de toda a acção pastoral* e a *Igreja local é o seu sujeito*. Então, qual é o papel dos institutos missionários? É o de animar as Igrejas locais a viverem plenamente o seu mandato de *serem Igrejas missionárias em saída para as periferias existenciais*.

O Papa Francisco está a relançar a visão da Igreja do Concílio Vaticano II, como "o sacramento, ou sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de toda a raça humana". A Igreja é chamada a *reunir um "povo"* que seja capaz de ir além dos limites da pertença e caminhar em direcção ao Reino de Deus. Então o testemunho cristão do Senhor Ressuscitado será produtivo e a Igreja também crescerá por atração e não por causa de proselitismo.

A Exortação Apostólica oferece *quatro critérios principais* que orientam o discernimento do ministério missionário:

- a. **Chegar às periferias**, aos empobrecidos, aos marginalizados, aos excluídos. A propósito, isto está em sintonia com o carisma comboniano de fazer causa comum.
- b. **Testemunhar o kerygma, a comunicação do Evangelho**, que tem a ver com o "encontro com um acontecimento, uma pessoa, que dá à vida um novo horizonte e uma direcção decisiva" (EG 7). A

comunicação, além disso, significa que o Evangelho não é simplesmente um processo de sentido único, mas um processo em que o ouvinte interage.

- c. **A profecia** sublinha simultaneamente **duas coisas: denuncia o mal na sociedade** (uma economia de exclusão, a nova idolatria do dinheiro, um sistema financeiro que governa em vez de servir, a desigualdade que gera violência, acelera a deterioração das próprias raízes culturais, processo de secularização que tende a reduzir a fé e a Igreja à esfera do privado e pessoal) e funciona também como **proposta de construção de alternativas** conducentes a sociedades mais justas e pacíficas (ouvir o grito dos pobres e lutar pela sua libertação e promoção, permitindo-lhes participar plenamente na sociedade, trabalhando para eliminar as causas estruturais da pobreza e para promover o desenvolvimento integral dos pobres, bem como pequenos actos diários de solidariedade na resposta às necessidades reais que encontramos).
- d. **Evangelizar culturas e inculturação do Evangelho:** aqui o desafio é fazer com que a presença missionária responda aos desejos profundos dos corações das pessoas. Nas palavras do documento da Comissão Internacional "Fé e Inculturação", a inculturação do Evangelho implica que o "Evangelho pode penetrar na alma das culturas vivas, responder às suas mais elevadas expectativas".

A relevância do Carisma Comboniano para o novo paradigma de missão

É bastante natural que se experimente uma espécie de resistência contra o novo paradigma de missão. É compreensível que aqueles que viveram um ministério missionário dedicado e generoso dentro do antigo modelo de missão possam sentir uma sensação de perda, ou mesmo de traição. No entanto, não precisamos de confundir um modelo missionário com o carisma do Instituto. De facto, apercebemo-nos de que o carisma comboniano é muito relevante e parece "feito à medida" para o novo paradigma de missão. Em primeiro lugar, temos a ideia central da **regeneração da África com África**, uma imagem concisa que representa uma história muito complexa e articulada: há a ideia de gerar um povo que experimenta a comunhão com Deus em Cristo Ressuscitado e contribui para a construção de uma sociedade alternativa, em harmonia com a acção do Espírito e do Reino de Deus. A proclamação do Evangelho ajuda a completar as "sementes da Palavra" já presentes nas culturas e na espiritualidade do povo. Comboni salientou também a importância de este trabalho ser "católico", ou seja, universal: longe de auto-referenciar-se, ele via-se a si próprio como **parte integrante de um movimento missionário muito maior e mais amplo**, com uma variedade de dons e carismas. Há espaço e necessidade de uma variedade de contribuições e **colaboração** que se desenvolve num espírito sinodal. Tudo isto é central para uma abordagem ministerial.

A ideia central de **fazer causa comum** com os empobrecidos ressoa com a ideia de estar ao serviço a partir das periferias, como uma "pedra escondida debaixo da terra", optando por um **ponto de inserção** próximo dos excluídos, lado a lado com os "crucificados" ("as obras de Deus nascem sempre **aos pés da cruz**"). É mesmo e sobretudo na experiência das limitações, do pecado, do fracasso que experimentamos o mistério pascal, juntamente com os povos, para uma transformação radical que o mundo aguarda.

Comboni viu o seu papel como o de um **animador** que fez um esforço incansável para mover a consciência dos Pastores da Igreja relativamente à sua responsabilidade missionária, para que "a hora da África não passe em vão" (RV9). Isto significa discernir a **hora de Deus**, isto é, o kairós, a acção transformadora do Espírito que torna todas as coisas novas.

Na perspectiva do EG, a missão da Igreja e de todos os seus ministros é dirigida para o Reino de Deus, esforçando-se por criar espaço no nosso mundo onde todas as pessoas, especialmente os desfavorecidos e os excluídos, possam experimentar a salvação do Cristo Ressuscitado.

A opção por ministérios "específicos"

Os ministérios são de importância crucial como **lugar de encontro entre a humanidade, a Palavra e o Espírito na história**. À medida que o critério geográfico se torna menos significativo, a missão *ad gentes* tende a concentrar-se mais nos grupos humanos, especialmente aqueles que se encontram à margem, nas periferias. Uma abordagem ministerial, portanto, preocupar-se-ia em encontrar um bom *ponto de inserção* e **desenvolver uma abordagem pastoral personalizada** que vá além de um trabalho pastoral genérico - que é basicamente o mesmo independentemente da sua localização - e que se articule **numa pluralidade de serviços, sob uma visão e metodologia partilhadas**. Por outras palavras, estamos a falar de uma abordagem pastoral orgânica, na qual todas as dimensões (*leitourgia, martyria, diakonia, koinonia*) estão presentes e em sinergia. Trata-se de um quadro complexo que só é possível quando o sujeito é toda a comunidade cristã, em comunhão com outras comunidades.

Em suma, *os compromissos missionários centram-se nos serviços e não num kit missionário predefinido (ou numa abordagem pastoral genérica); o ministério implica que o trabalho missionário é necessariamente contextualizado e depende das situações de vida das pessoas*. Os elementos básicos de um **modelo ministerial** são:

- **concentrar-se num contexto ou campo específico**, geralmente uma necessidade humana, ou um grupo humano, ou uma situação de vida;
- **proclamar** e dar corpo à verdade do **kerygma** e do **Reino de Deus**;
- ser **fundamentado tanto nas capacidades e talentos humanos**, como nos **dons da graça**;
- discernir e colaborar com o **trabalho do Espírito**, já operando na história;
- ser a **expressão** da vida e do serviço **de uma comunidade cristã**, sacramento da presença e da acção de Cristo no mundo;
- geralmente a missão exige **uma pluralidade de serviços e competências**, daí a necessidade de **colaboração**.

Nesta perspectiva, e tendo em consideração as profundas mudanças no mundo, é evidente que a **JPIC, o diálogo inter-religioso e inter-cultural** emerge como dimensões transversais da missão. Em vez de os encararmos como novos serviços especializados, precisamos de os apreciar como partes constituintes de qualquer compromisso missionário.

No espírito do XVIII Capítulo, a **requalificação segundo as linhas ministeriais** do nosso serviço missionário exige, como Comboni percebeu, uma nova "estrutura" da missão que a sustente e fomente:

- ✓ uma requalificação ministerial do nosso compromisso, com um plano ministerial partilhado e feito em comunhão, por **prioridades pastorais específicas**, de acordo com as prioridades continentais. Durante o Capítulo, verificou-se que, por um lado, estamos presentes nestas "fronteiras" da missão, enquanto, por outro lado, nos falta frequentemente uma abordagem contextual dos grupos humanos que acompanhamos;
- ✓ **ministério colaborativo** ao longo dos caminhos da comunhão. Estamos ainda sujeitos a práticas e formas de funcionamento demasiado individualistas e fragmentadas;
- ✓ **repensando as nossas estruturas** enquanto procuramos maior simplicidade, mais partilha e a capacidade de acolher os outros, de modo a estarmos mais próximos das pessoas, mais humanos e mais felizes;
- ✓ tudo isto com a **reorganização das circunscrições**. A fusão não encontra a sua justificação apenas na escassez de pessoal, mas tem um valor em relação à passagem de um modelo geográfico para um modelo ministerial que torna necessário estar ligado, trabalhar em rede e partilhar recursos e abordagens;

- ✓ a **reorganização da formação** para desenvolver as competências necessárias nos vários campos pastorais específicos.

Em resumo, como se afirma nas Actas Capitulares, "a crescente consciência de um novo paradigma de missão estimula-nos a reflectir e a reorganizar as nossas actividades ao longo das linhas ministeriais". (AC 2015, No. 12). A convite do Papa Francisco (EG 33), o Capítulo indicou o caminho da conversão pastoral, abandonando os critérios: "como sempre o fizemos" e desencadeando uma série de acções-reflexões para reconsiderar os objectivos, as estruturas, a forma e o método de evangelização (AC 2015, n.º 44.2-3).

Por exemplo, como a nossa **Ratio Missionis** assinalou, uma abordagem ministerial requer uma abordagem ministerial:

- = contextualizar o nosso compromisso missionário de acordo com a realidade do povo onde vivemos (pigmeus, afro-descendentes, pastores, bairros de lata, etc.);
- = estar presente com o povo, no sentido de 'fazer causa comum' com o povo e ministrar (servir) em fidelidade ao contexto;
- = discernir os sinais dos tempos e dos lugares: o trabalho missionário tem formas diferentes de ser realizado, dependendo das circunstâncias históricas e da vida e do contexto do povo.

O desafio do nosso tempo e a Plataforma de Acção "Laudato si"

O Papa Francisco indicou o caminho da missão como o padrão fundamental para a Igreja do nosso tempo na sua Encíclica *Evangelii Gaudium*. Pouco depois, com "*Laudato si*", reflectiu também sobre a grande questão global do nosso tempo, nomeadamente, a da ecologia integral e de um mundo sustentável. A menos que as tendências actuais em termos de alterações climáticas, devastação ambiental e exclusão social sejam invertidas até ao ano 2030, chegaremos a um ponto de não retorno. O Papa Francisco **apela a uma conversão**, sublinhando que por detrás das estruturas de pecado responsáveis pela situação insustentável existe uma **crise antropológica**, ou seja, uma perspectiva decaída sobre a humanidade e a Criação, divorciada de Deus. Assim, o empenho da Igreja na conversão à **ecologia integral** é urgente não só devido à dramática situação do mundo, mas também devido à sua vocação como sacramento de comunhão com Deus e de unidade da humanidade e de toda a Criação.

Como nos lembra 'Laudato si', "a interdependência obriga-nos a pensar num mundo com plano comum" (LS 164): por outras palavras, não basta dar vida a belas iniciativas, mas também é necessário **ligar todas estas experiências**, para que **formem um sistema que possa influenciar eficazmente a realidade global**. Daí o apelo a um Jubileu da Terra, uma profunda conversão pessoal, cultural e, sobretudo, estrutural. É o sistema que deve mudar, e a Igreja quer estar entre os protagonistas desta mudança. Por esta razão, o Dicastério para a Promoção do Desenvolvimento Humano Integral está a elaborar um plano para a implementação da "Laudato si" que visa tornar todas as comunidades católicas do mundo sustentáveis no espírito da ecologia integral até 2030. Isto é conhecido como Plataforma de Acção 'Laudato si', que define 7 Objectivos da 'Laudato si' (OLS), o horizonte comum de todas as comunidades católicas: estes são

- = Responder ao grito dos pobres
- = Responder ao grito da Terra
- = Economia Ecológica
- = Adopção de estilos de vida simples
- = Educação Ecológica

- = Espiritualidade ecológica
- = Envolvimento comunitário e acção participativa.

Este é o quadro global elaborado pelo Dicastério:

- = Será oficialmente lançado a 24 de Maio de 2021.
- = Comunidades e Institutos participantes, comprometem-se a uma viagem de 7 anos para completar a sua transição para a Ecologia Integral.
- = No entanto, espera-se que novas comunidades se juntem à iniciativa todos os anos.
- = De facto, para permitir um crescimento exponencial, a intenção é de pelo menos duplicar o número de participantes todos os anos.
- = Isso levaria ao crescimento de uma rede de comunidades 'Laudato si' inspirada.
- = a fim de atingir rapidamente uma massa crítica (3,5% de uma população) para uma transformação radical. Isso é necessário para uma mudança sistémica. De facto, os cientistas sociais dizem-nos que quando 21-25% de uma população abraça a mudança, então o sistema social irá mudar.

Pede-se aos religiosos que olhem para a sua esfera de influência e determinem o seu planeamento. É uma oportunidade de dar uma contribuição informada pelo seu próprio carisma para o esforço comum em prol da ecologia integral; e assim podem também energizar a sua missão específica à medida que respondem ao grito da Terra e dos pobres. Ao fazê-lo, acabam de facto por requalificar o seu serviço ministerial, e, por outro lado, participam na responsabilidade partilhada por um mundo sustentável e contribuem para a sinergia que nos levará até lá.

Em resposta ao grito dos empobrecidos e da Terra, as comunidades cristãs são hoje chamadas a desenvolver com criatividade os ministérios sociais. A sua força e originalidade na esfera social reside precisamente no seu empenho, fruto do caminho comum e sinodal da fé, na escuta do Espírito. Num mundo agora plural em termos de culturas, cosmovisões e religiões, somos chamados ao diálogo, à descoberta das sementes da Palavra, à presença do Espírito na sabedoria, ao conhecimento dos povos indígenas e ao desenvolvimento de uma maiêutica recíproca. A ministerialidade emerge ao manter em tensão a dimensão científico-profissional do compromisso de transformação social com a da ética, dos valores, do sentido do bem comum e da casa comum, de uma visão de um mundo sustentável, equitativo e fraternal.

As celebrações são momentos privilegiados em que estas dimensões se encontram: a dimensão litúrgica que antecipa a transformação final celebrando-a, tornando-a presente mesmo que ainda não esteja plenamente presente, é um exemplo disso mesmo. É um momento profundamente transformador, sobretudo do coração, da perspectiva, das atitudes e das escolhas básicas, não só a nível pessoal, mas também a nível comunitário: uma área particularmente fértil de regeneração, de conversão, um requisito essencial para qualquer transformação; um momento de graça mediado pela Palavra e pelos sacramentos. Em certos momentos do ano litúrgico, como a Quaresma, por exemplo, existe a possibilidade de ajudar as comunidades cristãs a fazer um percurso particular de conversão, como o recente Sínodo para a Amazónia também exigiu a vários níveis: pastoral, cultural, ecológico e sinodal. Num mundo cada vez mais conflituoso e violento, é também particularmente necessário redescobrir e desenvolver a dimensão social dos sacramentos, tal como a da reconciliação.

Também, relativamente a este aspecto, um diálogo com as tradições vivas de paz e reconciliação dos povos indígenas abre caminhos interessantes para a investigação na linha da interculturalidade e da inculturação para a transformação social.

Conclusão

Ao analisar a missão na perspectiva dos Missionários Combonianos de hoje, é necessário contemplar tanto o caminho e o discernimento do Instituto ao longo dos anos, como também o caminho da Igreja. Na verdade, estes dois aspectos estão interligados, em diálogo e atentos aos sinais dos tempos e aos convites do Espírito.

Como Instituto, temos vindo a discernir o caminho de uma abordagem ministerial da missão:

= **Superação do paradigma geográfico:** embora a missão ocorra dentro de fronteiras geográficas específicas, é vista como impulsionada por uma nova consciência do contexto e das situações das pessoas, e pelo discernimento necessário dos sinais dos tempos.¹

= Uma segunda dimensão é a descoberta de **métodos diversificados de evangelização:** tomámos consciência de que cada contexto missionário tem uma influência directa na forma como a missão foi concebida e nos seus métodos.² A *Ratio Missionis* sublinha que o trabalho missionário tem diferentes formas de ser realizado, dependendo do discernimento das circunstâncias históricas e da vida e contexto do povo, e afirma a importância de estar presente com o povo no sentido de 'fazer causa comum' com o povo, escolhendo os pobres e partilhando a sua realidade, e a actividade pastoral desenvolvida em fidelidade ao contexto e às várias situações missionárias em que nos encontramos.

= O Instituto, na sequência do Concílio Vaticano II, está consciente de que a missão é um compromisso de todas as forças locais, **em comunhão com toda a Igreja**. A missão, portanto, é construída com base na colaboração. O Instituto compreende que a vida comunitária é essencial ao trabalho missionário e que a missão determina a vida comunitária e forma a sua identidade ("*comunidade evangelizadora*").

= O XVIII Capítulo Geral (2015) consagra que a crescente consciência de **um novo paradigma de missão** nos estimula a reorganizar as nossas actividades **segundo linhas ministeriais**. O Capítulo sugere alguns dos serviços pastorais específicos, de acordo com as prioridades continentais e partilhados por várias Circunscrições, com a necessidade de colaborar a nível provincial e interprovincial. Há necessidade de trabalhar em rede (Família Comboniana, outros agentes pastorais, Organizações, centros de reflexão e investigação) e de partilhar pessoal e competências.

= *Ratio Missionis* sublinha a importância de uma Igreja ministerial e a necessidade de **reconhecer os ministérios dos leigos**. Há a consciência de uma mudança de paradigma de missão, em que a missão é vivida numa pluralidade de dimensões e serviços.

Todas estas indicações são confirmadas na visão e orientações da *Evangelii Gaudium*, a encíclica programática do papa Francisco que apresenta o novo paradigma de missão como modelo para o trabalho pastoral da Igreja. Nesta Carta, o papa Francisco relança a visão teológica e eclesiológica do Vaticano II e traça a trajectória da Igreja para os próximos anos.

¹ O Capítulo de 1969 viu que "[critérios geográficos e jurídicos] embora tivessem a vantagem de distinguir claramente as missões das não missões, já não são suficientes" (AC '69 II, 56). O carisma comboniano é libertado de critérios puramente geográficos em favor de uma perspectiva essencialmente missionária: ou seja, a evangelização ad gentes deve ter em conta "antes de mais [os] diferentes povos e [os] diferentes grupos de culturas". O capítulo de 1975 tem em conta "povos de fronteira, ou seja, tribos, minorias étnicas ou sociais e outros grupos minoritários que ainda não foram evangelizados e que permaneceram à margem da actual evolução do mundo"(II,14).

² O Capítulo Geral de 1985 reconhece que diferentes "situações missionárias" requerem diferentes prioridades e diferentes serviços, ou seja, cada método missionário deve ser adaptado ao contexto.

Esta é uma trajectória que não pode ser indiferente aos desafios fundamentais do nosso tempo, tal como são apresentados nas encíclicas '*Laudato si'*' e '*Fratelli tutti'*': de facto, "não estamos perante duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas sim com uma crise complexa que é simultaneamente social e ambiental" (LS 139). Eles chamam-nos a assumir o **papel profético** que a vida religiosa e o nosso carisma nos conferem. Isso não significa acrescentar novos compromissos ao que já estamos a fazer; pelo contrário, sofrer uma conversão radical que transforma o nosso estilo de vida, vida comunitária e ministério missionário. É uma oportunidade epocal para empreender essa requalificação da nossa missão que temos vindo a desejar há décadas, mas que ainda não fomos capazes de implementar até à data. Este é o kairós, o favorável ao tempo para o abraçar.